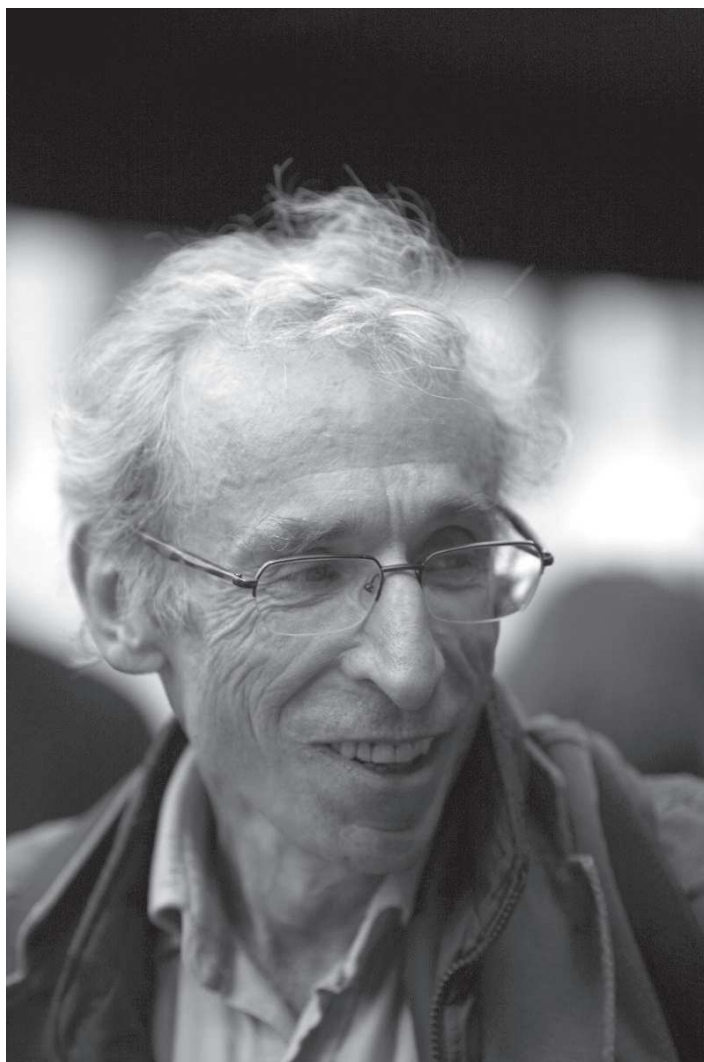


HOMENAGEM DE VIDA



Daniel Bensaïd, militante e intelectual

João Machado

Poucos conseguiram fundir a condição de militante político e intelectual como Daniel Bensaïd (1946–2010). E isto, ainda que se sentisse mais à vontade como “militante” que “intelectual”. Como indicou em sua autobiografia, *Une lente impatience*, de 2004, ele só aceitava esta segunda designação problematizando-a:

Se a palavra permite ainda distinguir os “trabalhadores de pensamento” dos “trabalhadores de coisas”, vá lá para intelectual. Com a condição, todavia, de não esquecer a assimetria de sua relação: na divisão social do trabalho, os saberes teóricos e o manejo da linguagem jogam um papel importante, mas não existe atividade humana que não implique uma intervenção pensada. O não intelectual não existe.¹

Já a designação “militante”, ele a reivindicou enfaticamente, até como forma de “resistência ao ar do tempo” (termo que aparece no título de dois de seus livros, *Éloge de la résistance à l'air du temps*², e *Les irréductibles – théorèmes de la résistance à l'air du temps*³, e que empregou com frequência):

Em tempos de individualismo sem individualidades, a palavra [militância] não tem uma imprensa favorável. Tem a cor sépia dos heroísmos passados. [...] Militar tem pelo menos a preocupação do coletivo. A militância não é um prazer solitário. É um princípio de solidariedade e de responsabilidade compartilhada. [...] A responsabilidade militante está nos antípodas da irresponsabilidade diletante⁴.

Na primeira parte de sua vida, a condição de militante teve primazia sobre a de intelectual (ou de autor). Comunista desde a infância, por herança familiar, militou na União dos Estudantes Comunistas (UEC) antes de, excluído junto com outros camaradas, participar da fundação da Juventude Comunista Revolucionária (JCR), em 1966, e da Liga Comunista (LC), em 1969 (que depois, em 1973, mudaria seu nome para Liga Comunista Revolucionária – LCR). Nesse meio tempo, foi um dos principais dirigentes do movimento de Maio de 1968.

A LCR foi até o início de 2009, quando se dissolveu para dar lugar ao NPA (Novo Partido Anticapitalista), a seção francesa da IV Internacional. Bensaïd tornou-se um dos principais dirigentes de ambas.

Seus escritos até o final dos anos 1980 podem ser considerados um desdobramento direto da atividade militante, no sentido de serem reflexões sobre questões postas por esta atividade. Destacam-se, em primeiro lugar, livros sobre algumas das principais experiências de lutas sociais do período: *Mai 68: une répétition générale?* [*Maio 68: Um ensaio geral?*]⁵; *Portugal, une révolution en marche*⁶. E, em

¹ Daniel Bensaïd, *Une lente impatience* (Paris, Stock, 2004), p. 21-2.

² Idem, *Éloge de la résistance à l'air du temps – entretien avec Philippe Petit* (Paris, Textuel, 1999).

³ Idem, *Les irréductibles – théorèmes de la résistance à l'air du temps* (Paris, Textuel, 2001). [Ed. bras.: *Os irreductíveis: teoremas da resistência para o tempo presente*, trad.: Wanda Caldeira Brant, São Paulo, Boitempo, 2008.]

⁴ Idem, *Une lente impatience*, cit., p. 25-6.

⁵ Daniel Bensaïd, Henri Weber, *Mai 68: une répétition générale?* Éditions François Maspero, 1968. Henri Weber foi também um dos fundadores da LCR; entretanto, depois caminhará numa direção distinta, deixando de lado as ideias revolucionárias; viria a tornar-se, por exemplo, senador pelo Partido Socialista Francês.

⁶ Daniel Bensaïd, Charles André Udry, Michael Lowy, *Portugal, une révolution en marche*. Edições UGE 10/18, 1975. Charles André Udry, dirigente suíço da IV Internacional; Michael Lowy, um dos mais conhecidos intelectuais nascidos no Brasil, também dirigente da IV Internacional.

segundo lugar, algumas reflexões teóricas a partir destas lutas: *La révolution et le pouvoir*⁷, de 1976, e *Stratégie et parti*⁸, de 1987. Por outro lado, nenhuma dessas obras é apenas um escrito de ocasião; certamente elas participam fortemente do clima da época, em que eram fortes as esperanças revolucionárias, são todas verdadeiros escritos políticos *teóricos*.

Entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990 ficou clara a mudança da situação política mundial; diante da bem-sucedida ofensiva conservadora, reforçada pela crise do mal chamado “socialismo realmente existente”, as esperanças revolucionárias deram lugar à constatação que algum avanço importante da revolução socialista teria de esperar outro momento histórico.

Muitos militantes da “geração de 1968” abandonaram as ideias revolucionárias⁹. Não Daniel Bensaïd. Sua dedicação à revolução não era apenas o resultado de uma empolgação de juventude, mas uma convicção profunda, uma incomformidade radical com as misérias da vida humana nos marcos da sociedade capitalista, alimentada pela compreensão teórica da natureza desta sociedade. Daniel sempre esteve convencido – e esta convicção não deixou de se reforçar até o fim de sua vida – de que a humanidade não está condenada à mesquinhez da vida sob o jugo do capital e de suas normas sociais.

Desta maneira, o que ele fez foi reorientar sua militância política, passar a trabalhar com um horizonte político mais amplo, a cuidar do presente principalmente com vistas a preparar o futuro. Como ele era um dos militantes políticos com mais capacidade teórica, com mais cultura filosófica e conhecimento das ciências sociais, compreendeu que este deveria ser seu principal campo de batalha. Começou, assim, a publicar obras de natureza distinta, menos voltadas para a reflexão vinculada às grandes lutas vividas.

Entretanto, as obras que publicou desde o final dos anos 1980 e, principalmente, desde o início dos anos 1990, vinculam-se tão fortemente como as anteriores à militância política; mas esse vínculo passa a outro plano. Não se trata mais de contribuir para resolver as questões estratégicas postas diretamente para os militantes, mas sim de cumprir principalmente duas tarefas: a primeira, a de enfrentar o “ar do tempo” no plano das ideias; a segunda, a de repensar e renovar a herança marxista e o pensamento socialista em geral, tornando-o mais capaz de contribuir para a compreensão das mudanças nas sociedades em que vivemos e para a formulação de um projeto socialista adequado ao tempo presente. Desta maneira, a reflexão estratégica socialista permanece como uma preocupação central, mas passa a outro plano.

Mencionemos em primeiro lugar a primeira tarefa, o enfrentamento ao “ar do tempo”, a polêmica contra a onda reacionária que tem imposto, até mesmo a an-

⁷ Daniel Bensaïd, *La révolution et le pouvoir* (Paris, Stock, 1976).

⁸ Idem, *Stratégie et parti* (Paris, La Brèche, 1987).

⁹ No Brasil, podemos dizer que este processo ocorreu um pouco mais tarde, principalmente depois da derrota de Lula nas eleições de 1989 e 1994. A principal expressão da esquerda brasileira na época, o PT, passou por uma progressiva integração às instituições do Estado burguês brasileiro e, conseqüentemente, por um “abrandamento” de suas posições políticas. Daniel Bensaïd acompanhou de perto este processo; como veremos, algumas de suas análises teóricas fizeram referências importantes à experiência brasileira.

tigos revolucionários, a obediência a um suposto “realismo”, resignado e conservador.

Duas comemorações deram a oportunidade para os primeiros esforços neste sentido: os vinte anos do movimento de maio de 1968 e o bicentenário da Revolução Francesa, ambos marcados por revisões conservadoras destes acontecimentos. Bensaïd publicou, em 1988, *Mai Si! Rebelles et Repentis* [Maio Sim! Rebeldes e Arrependidos]¹⁰ e, em 1989, *Moi, La Révolution (Remembrances d’une Bicentenaire Indigne)* [Eu, a Revolução. Rememorações de um Bicentenário Indigno]¹¹.

As obras dos anos 1990 e 2000 citadas anteriormente, que falam da “resistência ao ar do tempo”, têm o mesmo objetivo. A segunda, aliás, tem alguns parágrafos notáveis sobre o *homo resignatus*, que resumem de forma muito expressiva a impaciência de Daniel Bensaïd com a resignação pseudorrealista, e que merecem uma citação extensa:

Como se reconhece nosso contemporâneo, o *homo resignatus*? Como se reconhecem nossos políticos bem-moderados, os da direita do centro, da direita recentrada, assim como os da esquerda do centro, da esquerda recentrada? Como se reconhecem nossos intelectuais domésticos, especuladores da Bolsa ousados durante o dia e pregadores moralizantes durante a noite?

Por seus joelhos esfolados de tantas ajoelhações e genuflexões diante dos novos fetiches e dos velhos ídolos! Por suas costas curvas de tantos sapos engolidos e reverências vergadas diante do altar dos mercados! Por seu sangue gelado e por sua impassibilidade anfíbia diante da ordem impiedosa das coisas! Por sua soberba indiferença, de tantos acomodamentos e tantas renúncias consentidas!

Por que nós, que jamais fomos verdadeiramente modernos, deveríamos acordar de repente pós-modernos? Por que nós, que jamais fomos indiferentes, deveríamos nos descobrir de repente cínicos? Por que nós, que jamais renunciamos a rir de tudo – mas não com qualquer pessoa –, deveríamos nos contentar a partir de agora a zombar de nada?

Além da modernidade e da pós-modernidade, resta-nos a força irreduzível da indignação, que é exatamente o contrário do hábito e da resignação. Mesmo que se ignore o que poderia ser a justiça do justo, resta a dignidade e a incondicional recusa da injustiça¹².

¹⁰ Daniel Bensaïd, Alain Krivine. *Mai Si! Rebelles et Repentis*. Éditions de La Brèche.

¹¹ Daniel Bensaïd. *Moi, La Révolution (Remembrances d’une Bicentenaire Indigne)*. Gallimard, 1989.

¹² Idem, *Les irréductibles – théorèmes de la résistance à l’air du temps* (Paris, Textuel, 2001). [Ed. bras.: *Os irreduzíveis: teoremas da resistência para o tempo presente*, trad. Wanda Caldeira Brant, São Paulo, Boitempo, 2008.] p. 97 da edição brasileira.

Já o livro *Walter Benjamin, sentinelle messianique*¹³, estudo de 1990 sobre um dos autores preferidos de Bensaïd, diz respeito, sobretudo, à tarefa de repensar e renovar a herança marxista e o pensamento socialista.

A partir do início dos anos 1990, Daniel Bensaïd foi obrigado a levar em conta a fragilidade de sua saúde e a possibilidade iminente da morte, o que o levaria a reforçar a opção de mudar as prioridades de sua militância política.

Em sua autobiografia, falando do renascimento da história em meados dos anos 1990, depois da proclamação de seu fim pelos ideólogos neoliberais, escreveu:

Estes anos de renascimento foram, para mim, os da “prova capital da doença”, este “ensaio da morte”. Diferentemente de Péguy, tocado pela graça durante uma gripe malévola, não procurei o conforto de nenhuma transcendência. Segui as lutas sociais do inverno de 1995, na maior parte do tempo, pelo rádio e pela televisão, tremendo por febres frias no fundo do meu leito, escutando repetidamente os concertos de Francesco Geminiani e relendo os estoicos. [...] No ano seguinte, tratei a morte por “você”¹⁴.

De fato, os amigos temiam que Daniel não sobrevivesse ao ano de 1996. Mas enfrentando a doença, ele ainda viveria catorze anos. A fragilidade física levou-o a se retirar das responsabilidades políticas cotidianas e a agir, sobretudo, por meio de seus escritos, cursos, palestras, entrevistas etc. Levou-o também a dar mais peso ao projeto de colaborar para a atualização, a renovação e o desenvolvimento do marxismo.

Em 1995, ele publicou dois livros particularmente importantes: *Marx, o intempestivo*¹⁵ e *La discordance des temps. Essais sur les crises, les classes, l’histoire*¹⁶. Nestes livros, no interior de uma releitura brilhante da obra de Marx, revelou-se mais uma face dos interesses teóricos de Bensaïd: ele trabalhou também os aspectos especificamente econômicos da obra de Marx – ou, para sermos mais rigorosos, o aspecto de *crítica da economia política*, caracterizado desta maneira pelo próprio Marx.

Neste plano, Bensaïd foi um dos autores que melhor compreendeu e analisou as implicações da inviabilidade crescente da regulação do mundo pela *lei do valor*, isto é, pela dominância da lógica da mercadoria, da redução do trabalho humano a trabalho abstrato, da acumulação do capital. Desde *Marx, o intempestivo* (especialmente no capítulo “Os tormentos da matéria – contribuição à crítica da ecologia política”), ele passou a ressaltar a existência de um “desregramento do mundo”,

¹² Idem, *Les irréductibles – théorèmes de la résistance à l’air du temps* (Paris, Textuel, 2001). [Ed. bras.: *Os irredutíveis: teoremas da resistência para o tempo presente*, trad. Wanda Caldeira Brant, São Paulo, Boitempo, 2008.] p. 97 da edição brasileira.

¹³ Idem, *Walter Benjamin, sentinelle messianique* (Paris, Plon, 1990).

¹⁴ Idem, *Une lente impatience*, cit., p. 448.

¹⁵ Idem, *Marx, o intempestivo* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999).

¹⁶ Idem, *La discordance des temps. Essais sur les crises, les classes, l’histoire* (Paris, Editions de la Passion, 1995).

decorrente da aplicação da lei do valor às condições da época atual. Dentre outros escritos, este é o tema da primeira parte de *Le pari mélancolique*¹⁷ [A aposta melancólica], de 1997, bem como da primeira parte de *Un monde à changer – mouvements et stratégies*¹⁸, de 2003. A importância desta questão não deve ser subestimada: os desdobramentos do tema do “desregramento do mundo” (que inclui a crise climática e ambiental) constituem, provavelmente, os argumentos mais fortes de que dispomos hoje para demonstrar o caráter destrutivo do capitalismo e a inviabilidade para a humanidade de sua continuidade.

Na linha da contribuição para a renovação e a atualização do marxismo, vale a pena mencionar ainda dois escritos curtos que são um primor de discussão rigorosa. Um deles é uma introdução crítica a uma reedição em francês da *Introdução ao marxismo* de Ernest Mandel¹⁹, de 2007. O outro texto é “Respostas às questões dos camaradas russos do Movimento Socialista Vpered [Avante]”, de 2006. Neste, Bensaïd responde à nada trivial pergunta sobre quais aspectos da herança marxista pertencem ao passado e quais continuam pertinentes. O início da passagem em que se refere à atualidade desta herança valoriza a obra maior de Marx, a crítica da economia política a que o pensador alemão dedicou a maior parte de sua vida: “Quanto à atualidade da herança, ela parece evidente: a atualidade de Marx é a do *Capital* e da crítica da economia política, da compreensão da lógica íntima e impessoal do capital como *serial killer*”²⁰.

Como mencionado acima, as mudanças do tipo de reflexão privilegiada por Bensaïd levaram-no a tratar as questões estratégicas socialistas num outro plano. Mas não as tornaram pouco frequentes ou menos importantes. Alguns exemplos dos trabalhos em que a reflexão estratégico-teórica sobre os problemas postos diante da luta socialista têm um lugar central se destacam.

Citemos, em primeiro lugar, o texto “Uma Nova Época Histórica”, de 1995²¹. Por um lado, é um texto que tem o caráter amplamente predominante dos primeiros escritos de Daniel: foi redigido a partir do roteiro de uma intervenção oral em um debate militante, em uma reunião da direção da IV Internacional. Seu objetivo, entretanto, é bastante diferente: é justamente o de chamar a atenção para a profundidade da mudança na configuração das lutas de classes no mundo, a partir da reestruturação neoliberal, para as consequências estratégicas do enfraquecimento social dos trabalhadores e, em particular, para a necessidade da construção de um novo programa. Para nós, uma passagem muito significativa deste texto é a referência à experiência do PT brasileiro, sobretudo à campanha eleitoral de 1994:

É surpreendente constatar que o programa do PT brasileiro era muito mais moderado que o programa reformista radical

¹⁷ Idem, *Le pari mélancolique* (Paris, Fayard, 1997). O tema pascaliano da *aposta* foi recorrente na obra de Bensaïd.

¹⁸ Idem, *Un monde à changer – mouvements et stratégies* (Paris, Textuel, 2003).

¹⁹ Idem, “Introduction: trente ans après”, em Ernest Mandel, *Introduction au marxisme* (Bruxelas, Formation Léon Lesoil, 2007).

²⁰ Idem, “Marxismes – Théorie, hier et aujourd’hui”. *Inprecor* n° 558/559, fev-mar 2010, p. 33.

²¹ Daniel Bensaïd. “Uma Nova Época Histórica”. Incluído em Michael Lowy e Daniel Bensaïd, *Marxismo, Modernidade e Utopia*. Textos organizados e apresentados por José Corrêa Leite. Editora Xamã, 2000.

da Unidade Popular chilena de 1970, ou que um programa radical em alguns países europeus (redução da jornada de trabalho, direitos dos imigrantes, suspensão da dívida e desmilitarização) e frequentemente muito mais rebaixado que os programas reformistas dos anos 70, pelo menos em sua forma escrita (nacionalização, elementos de controle e autogestão). Confrontados com a impotência de um reformismo sem reformas, as forças majoritárias do movimento operário oscilam entre adaptação à lógica liberal (social-democracia modernista) e a recaída nacionalista (alguns partidos comunistas ou ex-comunistas)²².

Trata-se de uma percepção das dificuldades em que se encontrava o PT em meados dos anos 1990 que, além de expressar preocupação com o futuro deste partido, argumenta na direção da necessidade da renovação estratégica e programática (esta passagem está em um item do texto intitulado “Construir um Novo Programa”). A compreensão clara das dificuldades da época – e o seu enfrentamento sem ilusões – era vista como indispensável para a manutenção do projeto socialista.

Algumas das reflexões estratégicas mais significativas de Bensaïd foram desenvolvidas a partir dos debates do movimento altermundialista, movimento em que ele se engajou a fundo. A terceira parte do já citado *Un monde à changer – mouvements et stratégies* trata de “Estratégias e Poderes”²³, contrapondo-se às formulações de John Holloway e outros, que defendiam uma estratégia de transformação social (e de mudar o mundo!) sem luta pelo poder e, na época, eram bastante populares no movimento. Na mesma linha, o texto “Sur le retour de la question politico-stratégique” [Sobre a volta da questão político-estratégica]²⁴, de 2006, que teve uma influência significativa no movimento altermundialista, comenta a percepção crescente da insuficiência da linha de contar apenas com os movimentos sociais (e de acreditar ser possível deixar de lado a questão do poder); esta percepção, que passa a dar peso à necessidade de “soluções políticas”, marca também uma retomada da atribuição de grande importância às disputas eleitorais. Isto é importante, mas, sem uma reflexão estratégica maior, pode levar a guinadas negativas como a do PRC (Partido da Refundação Comunista) italiano, que passou de uma visão “movimentista” à participação no governo social-liberal de Romano Prodi (para, a partir daí, entrar numa crise profunda). Bensaïd enfatiza que a construção de uma alternativa viável exige uma “bússula programática” e uma “visão estratégica”, e situa a discussão atual numa ampla perspectiva histórica, comentando as hipóteses estratégicas “clássicas”, principalmente a de “greve geral insurrecional”, baseada na experiência da Revolução Russa.

²² Idem, p. 40.

²³ Opus cit, « Stratégies et Pouvoirs », pp. 129-180.

²⁴ Daniel Bensaïd, « Sur le retour de la question politico-stratégique ». Disponível em <http://www.europe-solidaire.org/spip.php?article3122>. Acessado em 16/08/2010.

Desde meados dos anos 1990, Bensaïd tornou-se um dos pensadores marxistas que mais publicou artigos, livros, entrevistas. Sua influência político-intelectual na esquerda tornou-se marcante – para além da corrente política com que sempre se identificou –, na França e em outros países (dentre eles o Brasil²⁵).

Daniel Bensaïd morreu como militante, um ano depois de ter sido um dos mais destacados fundadores do NPA (Novo Partido Anticapitalista) francês. Aliás, para esta fundação, contribuiu com um livro, *Prenons Parti pour un socialisme du XXI siècle* [Tomemos Partido por um socialismo do século XXI]²⁶, escrito em colaboração com Olivier Besancenot, o principal porta-voz do partido.

Lutou toda a vida; nunca se tornou o *homo resignatus* que criticou agudamente na passagem já citada de *Os irredutíveis* – um dos muitos textos que mostram bem sua grandeza como ser humano, e que segue afirmando, de forma pascaliana:

“A indignação é um começo. É preciso indignar-se, insurgir-se, e só depois ver no que dá. É preciso indignar-se apaixonadamente, antes mesmo de descobrir as razões desta paixão”²⁷.

¹ Vale notar que até o final da vida escreveu bastante sobre o Brasil. Um destaque foi sua dedicação nos anos de 2003, 2004 e 2005 ao debate travado pela esquerda brasileira a partir do curso seguido pelo governo Lula. Bensaïd escreveu diversos artigos e cartas a este respeito. Insistiu, especialmente, na avaliação de que a participação de militantes socialistas em um governo como o de Lula não contribuía para o acúmulo na direção de um projeto socialista; pelo contrário, esta participação, na sua visão, representava um erro grave. Teve uma avaliação semelhante sobre a participação da esquerda socialista no governo Prodi, na Itália.

² Daniel Bensaïd, Olivier Besancenot. *Prenons Parti pour un socialisme du XXI siècle*. Éditions Mille et une nuits, 2009.

³ Idem, *Os irredutíveis*, cit., p. 97.